

**A NECESSIDADE DA FORMULAÇÃO DE UMA NOVA SEMÂNTICA E DE
UMA NOVA ONTOLOGIA COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DAS
PROBLEMÁTICAS ONTOLÓGICAS PRECEDENTES, NO PENSAMENTO DE
LORENZ B. PUNTEL**

Jean Brás Guerra*

Resumo: Diante da vasta problemática ontológica contemporânea que têm como tarefa inicial a resolução de tantas críticas sofridas ao longo da história da filosofia, o presente trabalho buscará, em linhas gerais, apontar aspectos fundamentais da filosofia sistemático-estrutural de Lorenz B. Puntel, tendo como objetivo central a necessidade da formulação de uma nova semântica e de uma nova ontologia. Estas visam superar os problemas das várias propostas ontológicas anteriores, desde a substancialista (que perdura até à filosofia contemporânea) como as novas propostas alternativas.

Palavras-chave: Reviravolta linguística. Filosofia Sistemático-Estrutural. Semântica. Ontologia.

**THE NECESSITY OF THE FORMULATION OF A NEW SEMANTICS AND A
NEW ONTOLOGY AS A WAY TO OVERCOME THE PREVIOUS
ONTOLOGICAL PROBLEMS, IN THE THOUGHT OF LORENZ B. PUNTEL**

Abstract: In view of the vast contemporary ontological problematic that has as its initial task the resolution of so many criticisms suffered throughout the history of philosophy, the present work will seek, in general lines, to point out fundamental aspects of the structural-systematic philosophy of Lorenz B. Puntel, having as its central objective the need to formulate a new semantics and a new ontology. These aim at overcoming the problems of the various previous ontological proposals, from the substantialist (which endures until contemporary philosophy) to the new alternative proposals.

Keywords: Linguistic turn. Structural-Systematic Philosophy. Semantics. Ontology.

Introdução

É inevitável a análise da *ontologia* como um dos temas mais discutidos ao longo da história da filosofia, seja em sua formulação, ou em sua crítica. Segundo Habermas¹⁷⁹, este conceito marcou, ao menos, um período inteiro de tal história (a tradição) a partir de Parmênides, e posteriormente nas formulações platônico-

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduado em Filosofia pela Faculdade Católica em Fortaleza (FCF) com Complementação Pedagógica em andamento em Filosofia pela Faculdade Ibra (MG). Atualmente também é graduando em História pela Faculdade Estácio e professor da Rede Salesiana de Fortaleza.

¹⁷⁹ HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. p. 21-22. Na presente obra, Habermas divide as épocas históricas em “ser”, “consciência” e “linguagem”, sendo respectivas à filosofia tradicional, moderna e contemporânea.

aristotélicas e medievalistas que tematizaram *o ser do ente*. Mesmo na modernidade e contemporaneidade, ainda houve inúmeras novas formulações¹⁸⁰ tanto na tentativa de salvaguardar a ontologia substancialista da tradição, quanto no esforço da elaboração de alternativas.

Por outro lado, também recebeu duras críticas ao longo da história. Heidegger foi um significativo expoente de tal feito, criticando quanto à forma em que foi articulada durante a tradição. Tal filósofo acusou toda a tradição metafísica (entendida aqui como ontologia¹⁸¹) anterior a ele de incorrer no esquecimento do Ser¹⁸², ou seja, tornar a sua maior intuição algo absolutamente universal e vazia¹⁸³, e até mesmo trivializada¹⁸⁴. Em outras palavras, segundo Heidegger, a ontologia jamais teria se preocupado de fato com o Ser, e sim com o *ente* enquanto tal, deixando a dimensão mais fundamental e originária do próprio ente algo totalmente fora de articulação. Além da crítica heideggeriana, poderiam ainda ser somadas aqui as formuladas por Kant¹⁸⁵ e Carnap¹⁸⁶, que segundo Puntel, formularam as maiores críticas sofridas pela metafísica ao longo de sua história¹⁸⁷.

¹⁸⁰ Cf. OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. – São Paulo: Paulus, 2014.

¹⁸¹ Puntel realiza uma distinção entre ontologia e metafísica: a primeira é a ciência do ente enquanto ente, tal qual foi compreendida ao longo da sua história; a metafísica, trata da dimensão abrangente dos entes, isto é, o *Ser como tal e em seu todo*. Cf. PUNTEL, Lorenz B. **A filosofia como discurso sistemático: diálogos com Emmanuel Tourpe sobre os fundamentos de uma teoria dos entes, do Ser e do Absoluto**. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015. p. 99.

¹⁸² Ibidem. p. 16.

¹⁸³ HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**; tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006. p. 37.

¹⁸⁴ Sobre isso, Cf. Ibidem: “Embora nosso tempo se arrogue o progresso de afirmar novamente a ‘metafísica’, a questão aqui evocada caiu no esquecimento. [...] A questão referida não é, na verdade, uma questão qualquer. Foi ela que deu fôlego às pesquisas de Platão e Aristóteles para depois emudecer como questão temática de uma real investigação. O que ambos conquistaram manteve-se, em muitas distorções e ‘recauchutagens’, até à Lógica de Hegel. E o que outrora se arrancou, num supremo esforço de pensamento, ainda que de modo fragmentado e tateante aos fenômenos, encontra-se, de há muito, trivializado.”

¹⁸⁵ Kant realizou uma cisão entre “pensar e ser”, “sujeito e mundo”, de modo que o mundo em si mesmo (*noumeno*) não pode ser tido como objeto do conhecimento humano. Portanto, a ontologia torna-se uma tarefa impossível de ser realizada. Ou, em suas próprias palavras, Cf. KANT, Immanuel. **Prolegômenos a toda a metafísica futura**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 12: “A minha intenção é convencer todos os que creem na utilidade de se ocuparem de metafísica de que lhes é absolutamente necessário interromper o seu trabalho, considerar como inexistente tudo o que se fez até agora e levantar antes de tudo a questão: de se uma coisa como a metafísica é simplesmente possível”.

¹⁸⁶ Segundo Carnap, representante do positivismo lógico, as teses metafísicas são impossíveis de teorização, visto não possuírem conteúdo. Não são científicas, e, por isso, encontram-se na região das intuições puras, ou seja, não estão no plano racional, e sim no sentimental. Cf. PUNTEL, Lorenz B. **A crítica da metafísica em Carnap e Heidegger: análise, comparação e crítica**. In: Em busca do objeto e

Destas, a Crítica da Razão Pura, sem dúvidas, deixou problemas incontornáveis para toda a filosofia posterior, principalmente no que diz respeito à cisão ou separação entre sujeito e mundo; subjetividade e objetividade. Segundo McDowell, a principal tarefa para a filosofia contemporânea é a de “ultrapassar a separação entre pensar e ser, já que o grande empecilho para a exposição do mundo enquanto totalidade do ser, tarefa própria da filosofia, é [...] precisamente esse abismo insuperável entre a dimensão do sujeito e a dimensão da realidade”¹⁸⁸. Sem esta superação, a própria ontologia apresenta-se como algo impossível de ser formulada, ou uma mera perda de tempo. A tentativa da realização desta superação foi teorizada por não poucos filósofos na contemporaneidade.

Para Puntel, porém, esta cisão, ou abismo entre os dois polos não foi algo que ingressou na filosofia apenas a partir da filosofia transcendental, mas na verdade, passou todo o pensamento filosófico de várias formas distintas:

- ser e ente [Seiendes]
- ser e aparência
- pensar e ser, mais exatamente nas suas diversas variações ou variantes: sujeito (subjetividade) e objeto (objetividade) (sendo que “objeto [objetividade]” assume muitas formas, como “ser”, “realidade” “mundo” etc.)
- homem e natureza (mundo, cosmo)
- homem e história
- homem e sociedade
- homem/mundo e Deus
- linguagem e mundo (realidade, ser)
- conceito e mundo (realidade, ser)
- dimensão formal (lógica, matemática) e mundo (ser, realidade...)
- e outras mais¹⁸⁹.

Superar este abismo tornou-se algo cobiçado por diversos filósofos ao longo do pensamento, como Hegel¹⁹⁰, e tantos outros nas mais variadas formulações ontológicas

do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010. p. 229-258.

¹⁸⁷ PUNTEL, Lorenz. **A totalidade do Ser, o Absoluto e o tema “Deus”**: um capítulo de uma nova metafísica. In: *Metafísica Contemporânea*. Editora Vozes, 2007. p.192.

¹⁸⁸ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. – São Paulo: Paulus, 2014.p. 210.

¹⁸⁹ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática; tradução: Nélio Schneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p. 47.

¹⁹⁰ Hegel insere em seu conceito de Ideia Absoluta a unidade fundamental destes dois polos, percebendo entre ambos uma unidade fundamental. Cf. HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das ciências filosóficas em építome**. Lisboa: Edições 70, 1988. § 213. p. 209: “A ideia é o verdadeiro *em si e para si*, a unidade

da contemporaneidade. Isto, porém, para o filósofo que será tratado aqui, não foi satisfatoriamente respondido em nenhuma das hipóteses, visto que nenhuma das alternativas ontológicas formuladas cumprem com afinco os seus objetivos, o que ainda será mostrado mais adiante.

Centralidade da Linguagem e relação entre as estruturas semânticas e ontológicas

Na modernidade, foram ainda distintas a ontologia geral, que trata de uma compreensão racional da totalidade do real¹⁹¹ (ou seja, do ente enquanto ente) e as ontologias específicas que buscam o estudo aprofundado (a partir da ontologia geral assumida) dos vários componentes da realidade. Para Puntel, estas distinguem-se ainda da *metaphysica primordialis*¹⁹² que trata diretamente da questão do Ser, dimensão abrangente que é a mais fundamental; esta apenas começou a ser *verdadeiramente* objeto da filosofia a partir de Heidegger.

Em lado distinto, outro marco central da contemporaneidade é a reviravolta linguística, que inseriu uma nova concepção na forma de percepção da filosofia, ou melhor, levou a mesma para um novo horizonte. Segundo Puntel¹⁹³, a linguagem mostra-se central, porque sendo a filosofia uma atividade teórica, torna-se absolutamente inviável realizar qualquer exposição filosófica sem o uso da linguagem, tendo esta, assim, uma referência incontornável.

. Segundo Manfredo Oliveira, não está “em jogo um novo objeto ou um novo campo de investigação para a filosofia, mas a filosofia mesma em sua forma de articulação teórica”¹⁹⁴ ou seja, “uma virada da própria filosofia, que vem a significar

absoluta do conceito e da objetividade. O seu conteúdo ideal nada mais é do que o conceito nas suas determinações; o seu conteúdo real é apenas a sua exibição, que o conceito a si mesmo dá na forma de existência externa, e esta forma, incluída na idealidade dele, no seu poder conservar-se assim na ideia.” Para Puntel, porém, Hegel falha de forma decisiva quanto *ao método dialético* proposto por ele, que traz sérios problemas em uma análise minuciosa. Cf. PUNTEL, Lorenz B. **É possível aclarar o conceito de dialética em Hegel?** In: Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010. p. 201-219.

¹⁹¹ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo.** – São Paulo: Paulus, 2014.p. 5-6.

¹⁹² PUNTEL, Lorenz B. **A filosofia como discurso sistemático:** diálogos com Emmanuel Tourpe sobre os fundamentos de uma teoria dos entes, do Ser e do Absoluto. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015. p. 16.

¹⁹³ Ibidem. p. 66.

¹⁹⁴ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo.** – São Paulo: Paulus, 2014.p. 190.

uma mudança na maneira de entender a própria filosofia e na forma de seu procedimento”¹⁹⁵. Chega-se à constatação de que a linguagem possui um caráter de *fundamento* de todo o pensar, e a filosofia da linguagem um novo estatuto de “filosofia primeira”¹⁹⁶. Fica claro, portanto, o motivo de uma reviravolta: a filosofia da consciência que havia sido a condição de possibilidade do conhecimento na modernidade, é substituída pela linguagem e a sua forma de questionar acerca da condição de possibilidade das sentenças intersubjetivamente válidas acerca do mundo. Também não é possível realizar qualquer atividade teórica (como a própria filosofia) sem esclarecer (com todos os seus pormenores teórico-metodológicos) a questão da linguagem¹⁹⁷.

Indo além, Puntel incorpora no seu pensamento a tese de que a própria referência à realidade é possível apenas a partir da linguagem, isto porque o próprio mundo é expressável linguisticamente¹⁹⁸, tendo as estruturas da linguagem e as estruturas do real uma conformidade fundamental¹⁹⁹. “Numa palavra, não existe mundo totalmente independente da linguagem, ou seja, não existe mundo que não seja exprimível na linguagem. A linguagem é o espaço de expressividade do mundo, a instância de articulação de sua inteligibilidade”²⁰⁰. Esta tese, de certa forma e neste sentido, é muito próxima a de Kutschera que afirma não ser possível um conhecimento do mundo no pensamento que seja anterior ao que é expressável na linguagem; de forma precisa, este conhecimento só é possível pela linguagem, isto é, “captamos a realidade, os objetos, suas diferenças, propriedades e relações em forma linguística”²⁰¹. Conclui-se desta forma, que não existe qualquer espécie de dualismo entre linguagem e pensamento, ou sequer uma visão instrumental entre ambos, mas uma conformidade; desenvolvem-se juntos. Os pensamentos são exprimidos linguisticamente, sendo para Kutschera, o *medium* do pensamento²⁰².

¹⁹⁵ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. Edições Loyola, 1997. p. 12.

¹⁹⁶ Ibidem. p. 13.

¹⁹⁷ Ibidem.

¹⁹⁸ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**; tradução: Nélcio Schneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p. 492 s.

¹⁹⁹ PUNTEL, Lorenz B. **A filosofia como discurso sistemático**, op. Cit., p. 66.

²⁰⁰ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. Edições Loyola, 1997. p. 13.

²⁰¹ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. – São Paulo: Paulus, 2014.p. 187.

²⁰² Ibidem.

Chega-se aqui à quase-definição²⁰³ da filosofia sistemático-estrutural, que se afirma como “a teoria das estruturas universais (mais gerais) do universo do discurso [= *universe of discourse*] ilimitado”²⁰⁴. Nesta quase-definição existe uma síntese da proposta punteliana de superação do abismo entre os dois polos contextualizados nas primeiras linhas deste artigo. As estruturas universais citadas equivalem ao primeiro polo (da subjetividade, do espírito), enquanto o universo do discurso ao segundo (o campo dos dados, do mundo, da realidade)²⁰⁵. Portanto, é “tarefa do filósofo sistemático-estrutural tentar integrar numa teoria compreensiva todos esses dados que, num primeiro momento, emergem justamente como candidatos à compreensão, como candidatos à teoria”²⁰⁶.

Porém, de nada adianta tudo o que foi explanado se não for compreendida a forma com a qual Puntel apresenta a superação entre sujeito/mundo, ou o como podem estar tão relacionadas a dimensão das estruturas fundamentais e o universo do discurso ilimitado. O início desta resposta é encontrado dentro de uma análise de duas estruturas fundamentais (as semânticas e as ontológicas).

Se a linguagem é a mediação irrecusável de qualquer teoria, a consideração de seus componentes fundamentais, ou suas estruturas, é a primeira tarefa de uma reflexão filosófica. O filósofo apresenta três componentes como principais: as estruturas formais, semânticas e ontológicas. Segundo o próprio, para compreender a profunda relação entre linguagem e mundo, precisa-se incorrer à análise das estruturas semânticas e ontológicas, que correspondem a dois lados de uma mesma medalha.

A semântica, segundo Puntel, é uma estrutura funcional “composta de uma função e de um conjunto de argumentos da função”²⁰⁷. Sendo de tal modo, ela sempre

²⁰³ Trata-se de uma definição programática, que vai alcançando um nível de compreensão mais alto e claro na medida em que à sua filosofia vai sendo explicada em sua totalidade.

²⁰⁴ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**, op. Cit., p. 33.

²⁰⁵ Para Puntel, estrutura pode ser caracterizada como “inter-relação diferenciada e ordenada ou como relação e interação de elementos de uma entidade, de uma área ou de um processo etc.” (Ibidem. p. 34). Este conceito é um fator original de suma importância; para Puntel, não é possível haver qualquer articulação teórica se esta não for estruturada. Compreender e entender algo é uma tarefa específica de qualquer empreendimento teórico, e isto só é possível se estas forem estruturadas. Todos os dados do mundo, portanto, são devidamente estruturados pelas estruturas fundamentais. Os dados, por outro lado, são os candidatos à teoria, ou seja, tudo o que pode ser apreendido e englobado na dimensão das estruturas. Dados são então, “as coisas”, “o mundo”, “o universo” e etc. O universo do discurso ilimitado seria “tudo aquilo com que a filosofia pode e deve se ocupar. Ibidem. p. 13.

²⁰⁶ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. – São Paulo: Paulus, 2014.p. 93.

²⁰⁷ Ibidem. p. 244.

aponta para algo que está para além dela mesma, ou seja, o plano ontológico. É por isto que se torna exitosa a compreensão de que são estas as estruturas que intermedeiam linguagem e mundo. As estruturas semânticas são os *expressa* das sentenças teóricas, e por isso, uma tese fundamental é a de que a “filosofia sistemático-estrutural tem o seguinte teor: quando as estruturas semânticas (os *expressa* das sentenças teóricas, as proposições) são *plenamente determinadas*, elas se revelam *idênticas* ao plano ontológico”²⁰⁸.

Para fundamentar essa tese muito geral [de que semântica e ontologia são dois lados de uma mesma medalha] pode-se apontar para o fato de que, sem uma conformidade entre linguagem semanticamente estruturada e plano ontológico não seria possível entender como a linguagem poderia de alguma forma “articular” o plano ontológico. Pois a articulação que aqui se tem em mente significa que as sentenças da linguagem “atingem” real e literalmente as “coisas”, “alcançam” as mesmas em sentido enfaticamente realista. A negação dessa tese faria da referência da linguagem à realidade uma espécie de milagre ininteligível.²⁰⁹

O que se implica aqui, é que se a semântica e a ontologia estão absolutamente relacionadas, não basta para uma teoria filosófica elaborar apenas uma nova ontologia, se esta também não implicar em uma nova semântica. O presente trabalho, portanto, buscará apresentar a proposta alternativa de nova semântica e nova ontologia elaborada por Lorenz B. Puntel em sua filosofia sistemático-estrutural, dentro do seu próprio quadro referencial teórico²¹⁰.

Problemas em torno da ontologia substancialista

A principal problemática envolvida neste trabalho é a que envolve a *ontologia geral* em uma nova formulação, seguida da nova semântica associada a ela. Para Aristóteles, a *filosofia primeira* mostrava-se como a ciência dos princípios que são

²⁰⁸ PUNTEL, Lorenz B. **Ser e Deus**: um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J. -L. Marion. Tradutor: Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2011. p. 159.

²⁰⁹ Ibidem. p. 159.

²¹⁰ Este conceito é fundamental para a filosofia de Puntel. Para ele, todo empreendimento teórico situa-se dentro de um quadro referencial teórico, de modo que sem esse, qualquer teoria fica ininteligível. Portanto, o primeiro passo de qualquer filosofia deve ser o de apresentar a si mesma. Cf: PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**, op. Cit., p. 11.

comuns a todos os entes²¹¹, ou seja, a filosofia que trata do ente enquanto ente. Segundo o mesmo filósofo, tal princípio era compreendido como *substância* (possuente de propriedades e relações) e acabou ganhando destaque no pensamento filosófico posterior, sendo trabalhada de diferentes formas até à contemporaneidade. Segundo Puntel²¹² as considerações em torno da substância foram formuladas a partir de três tipos de concepções: substrato, particular concreto e independência ontológica²¹³. Todas estas foram apuradas em críticas, mostrando-se insuficientes inclusive pelo próprio autor estudado neste trabalho²¹⁴.

Duas são as principais das críticas realizadas dentro da filosofia sistemático-estrutural em torno da categoria ontológica substancialista. A primeira delas está situada dentro da noção de *substratum* atrelada a ela, que afirma “um X, ao qual podem ser atribuídas propriedades e relações (e sobre o qual podem ser afirmados estados de coisas). Porém, como se deve conceber esse X?”²¹⁵ Ora, este apresenta-se como o próprio *substratum*, chegando logo de imediato ao grande problema: este mesmo “X”, em última instância, apresenta-se como *absolutamente vazio e ininteligível sem as suas propriedades e relações*.

No exemplo, “Sócrates é ruivo e um grande filósofo grego”, caso sejam retirados todos os predicados e propriedades atribuídos a ele (além dos que estão nesta sentença, quaisquer outros possíveis que ainda possam ser relacionados), o sujeito (no caso Sócrates) será um *substratum* sem sentido algum. Em outras palavras, o sujeito é determinado sempre pelos atributos e predicadas acrescidos a ele, e o que ele seria em si mesmo (o *substratum*) acaba caindo em profunda obscuridade. Portanto, a substância é puramente ininteligível e não pode ser aceita dentro de um programa filosófico, desde que sendo uma atividade teórica, não se deve aceitar entidades ininteligíveis²¹⁶.

²¹¹ Nas suas próprias palavras: “Em qualquer gênero de coisas, quem possui o conhecimento mais elevado deve ser capaz de dizer quais são os princípios mais seguros do objeto sobre o qual investiga; por consequência, quem possui o conhecimento dos seres enquanto seres [ente enquanto ente] deve poder dizer quais são os princípios mais seguros de todos os seres. Este é o filósofo.” In: *Metafísica* IV, 3, 1005b, 5-10.

²¹² Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**, op. Cit., p. 252-254.

²¹³ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. – São Paulo: Paulus, 2014.p. 43.

²¹⁴ Além das suas obras, Puntel escreve um artigo em que sintetiza tais críticas, e aponta a proposta de sua ontologia. Cf. PUNTEL, Lorenz. **O conceito de categoria ontológica: um novo enfoque**, In: Revista *Kriterion* n. 104, p. 7-32.

²¹⁵ Ibidem. p. 252.

²¹⁶ OLIVEIRA, Manfredo, **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**, op. Cit., p. 225-226.

Além deste problema (que em si mesmo já seria decisivo), o filósofo levanta ainda outro dentro da problemática substância-acidente; tal ontologia tem como uma de suas teses básicas a de que a substância “é o fator ontológico que garante a identidade de um ente através de suas mudanças”²¹⁷. Isto implica afirmar, por exemplo, que Sócrates é o mesmo e imutável indivíduo desde o seu nascimento até a sua morte; mesmo diante dos vários fatos, eventos ou acontecimentos que sejam protagonizados por ele, apenas os acidentes vão sendo alterados ou ocorrendo um após o outro, enquanto a substância permanece sempre idêntica. Para Puntel esta ideia é inadmissível, pois acaba criando um abismo do indivíduo com a sua história de vida; o indivíduo deixa de ser histórico, e torna-se intocável pelos próprios acontecimentos que influenciaram decisivamente a sua existência.

Buscando resolver as inconsistências em torno de tal perspectiva²¹⁸, outras novas formulações foram feitas como alternativas à substancialista, tendo como principal expoente, a teoria dos feixes²¹⁹. Puntel, em sua obra²²⁰, aponta diferentes versões da teoria dos feixes: versão da *teoria dos tropos* (apresentada como unicategorial), a dos *feixes de qualidade*, a dos *universais imanentes*, a versão das teorias que ligam os tropos

²¹⁷ Ibidem. p. 226.

²¹⁸ Os próprios teóricos substancialistas tentaram resolver tal problemática, mas de forma insatisfatória. Cf. PUNTEL, Lorenz. **O conceito de categoria ontológica: um novo enfoque**. In: Revista Kriterion n. 104, p. 7-32: “Não há dúvida de que os defensores dessa visão fazem um esforço considerável a fim de eliminar a obscuridade da noção de *substratum*. Mas permanecem dúvidas fundamentais acerca de se ter realmente alcançado isto. O que significa dizer que um particular concreto é “simplesmente uma instância de seu próprio tipo”? Se o particular concreto é simplesmente identificado com seu próprio tipo, o conceito de instanciação deixa de ser elucidatório. Mas se se diz que ‘nosso sujeito não é algo com identidade independente do universal do qual ele é sujeito’, então é difícil entender o que isto significa. Pois, como pode um item *x* ser sujeito de um universal *U* se a identidade de *x* não é independente de *U*? Talvez alguém possa dizer que neste caso se trata de um ‘caso-limite’ do conceito de instanciação. Mas em filosofia casos-limites desta espécie são conceitos problemáticos. Eles são, em geral, indicadores da necessidade de introduzir outro ‘esquema conceitual’ mais adequado para articular a intuição que se deseja expressar.”

²¹⁹ IMAGUIRE, Guido. **A substância e suas categorias: feixes e tropos**. In: IMAGUIRE G./ALMEIDA C.L.S. de/OLIVEIRA M.A.de (orgs.), *Metafísica Contemporânea*. Editora Vozes, 2007. p. 272-289 “A teoria dos feixes (*bundle theory*) afirma que não existe um substrato nem uma substância anterior e independente dos universais. Pelo contrário, o que se considerou ser uma substância é simplesmente um conjunto ou um feixe de propriedades. Sócrates não é um suporte (um recipiente) para os atributos mortalidade, sabedoria, humanidade, ser grego, etc., ele é nada mais e nada menos que a totalidade destes atributos. O argumento principal da teoria dos feixes é: Se nós retirarmos todos os atributos de uma determinada substância, não sobra nenhuma espécie de substrato, não sobra nada. Subtraindo a mortalidade, a sabedoria, a altura, a forma, o peso, etc. de Sócrates, não sobra um Sócrates, um *bare particular* sem atributos.”

²²⁰ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser: um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática**; tradução: Nélcio Schneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. p. 254-256.

a um *substrato*, e ainda, a *teoria nuclear*. A partir de tais teorias, o filósofo busca a elaboração de uma proposta alternativa.

Adiante, já tendo sido explanado aqui que semântica e ontologia são dois lados de uma mesma medalha, torna-se presumido que toda a ontologia é associada a uma semântica. Segundo Puntel, a semântica que remete à ontologia da substância é a mesma relacionada à linguagem natural de “sujeito-predicados”, “sujeito-atributos” que acaba sendo problemática justamente pela sua implicação na ontologia criticada aqui (onde as substâncias são compostas por um substrato “x” [sujeito] que está ligado a vários predicados). Esta semântica equivaleria ao *princípio da composicionalidade* formulado por Frege, em que o “significado (ou o valor semântico) da sentença é uma função dos significados (ou dos valores semânticos) de seus componentes sub-sentenciais”²²¹. Em suma, é a partir das partes (ou da composição dos significados dos seus componentes) que é possível encontrar o significado do todo da sentença. O valor semântico do sujeito, é aquilo que pode ser denotado da expressão (o próprio objeto) enquanto o valor do predicado pode ser dividido em intensional e extensional.

O valor semântico do sujeito é o denotado dessa expressão que é o objeto (real). No caso do predicado, há duas posições: a extensional defende que seu valor semântico é o conjunto de objetos aos quais ele se aplica; para a intensional, o valor semântico do predicado é um atributo, uma propriedade (no caso de um predicado unário) e uma relação (no caso de um predicado n-ário). Para Santos, a partir dos desenvolvimentos recentes da semântica formal (sobretudo a partir da teoria das representações do discurso), emergiram objeções à aplicabilidade universal desse princípio às estruturas das línguas naturais. No entanto, são inúmeras as vantagens descritivas e explicativas de sua aplicação²²².

Para Puntel, por consequência, não se faz necessário apenas o (grande) trabalho de formular uma nova ontologia, quando a semântica permanece idêntica à criticada aqui. É neste contexto que o presente trabalho apresentará, resumidamente, a proposta do tal filósofo de não apenas elaborar uma nova ontologia, mas também uma nova

²²¹ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**, op. Cit., p. 247.

²²² OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**, op. Cit., p. 224-225.

semântica que esteja livre dos problemas apresentados por todas as formulações anteriores e seja base para a linguagem filosófica²²³.

Proposta punteliana quanto à formulação de uma nova semântica e de uma nova ontologia

Diante da problemática apresentada, coube ao filósofo que será tratado neste trabalho a tentativa da resolução de tal desafio encontrado durante toda a tradição ontológica. Para isto, foi formulada uma nova semântica fundamentada no *princípio do contexto* que foi trabalhado por Frege, mas apenas foi nomeado como tal por M. Dummett. Este princípio afirma que “somente no contexto de uma sentença as palavras significam algo”²²⁴. Em linhas gerais, enquanto no princípio da composicionalidade o valor semântico parte dos componentes sub-sentenciais, no princípio do contexto o valor semântico parte do *todo*, isto é, “a sentença é compreendida como um todo configurado a partir de onde prioritária e exclusivamente são compreendidos e explicados os componentes sub-sentenciais”²²⁵. Muitos autores colocam o princípio do contexto como o *princípio do primado semântico da sentença*.

Segundo Puntel²²⁶, foram apresentados na contemporaneidade os dois princípios como compatíveis em uma teoria filosófica, e até mesmo, teriam teses que não seriam justificáveis sem tal compatibilidade (no caso de Quine e Davidson); para o filósofo aqui em questão, porém, deve ser inserido em uma teoria filosófica uma *versão forte* do princípio do contexto que se mostra como absolutamente incompatível com o princípio da composicionalidade, demonstrando o seu alcance em uma teoria semântico-ontológica.

Ainda se torna importante salientar, como já foi brevemente citado acima, que o filósofo em questão assume a posição de que é absolutamente problemático o uso da linguagem natural como linguagem filosófica, por conta da sua fórmula-base de

²²³ Sobre a crítica de Puntel à linguagem natural, é importante indagar que apesar de insatisfatória pela sua fórmula de sujeito-predicado, ela não precisa ser excluída da linguagem filosófica. Mas suas sentenças devem ser entendidas como abreviações de várias sentenças primas, que não poderão ser desenvolvidas apenas neste artigo. Cf. PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**, op. Cit., p. 268.

²²⁴ PUNTEL, Lorenz. **O conceito de categoria ontológica: um novo enfoque**, In: Revista Kriterion n. 104, p. 13.

²²⁵ OLIVEIRA, Manfredo A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**. – São Paulo: Paulus, 2014.p. 223.

²²⁶ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**, op. Cit., p. 265.

“sujeito/predicado” ou “sujeito/atributo” que é imediatamente relacionada à ontologia da substância (“*substratum/acidentes*”) e que acabou de ser mostrada como insuficiente. Isto não implica a afirmação que esta não seja importante para a comunicação e a produção humana, mas sim que, uma teoria filosófica adequada precisa encontrar uma nova fórmula na qual possa estar coerente.

Segundo o teórico aqui evidenciado, tal linguagem precisaria estar embasada em sentenças do tipo “chove”, “reverdece” que equivalem a uma estrutura “é o caso que φ ”²²⁷. Estas são chamadas *sentenças primas*. Cada sentença deste tipo possui um conteúdo informacional que é denominado *proposição prima* que é um conceito de suma importância para a filosofia aqui tratada.

Conforme uma assunção basilar a filosofia sistemático-estrutural, toda sentença teórica expressa uma proposição. Sentenças primas expressam uma forma específica de proposição: uma *proposição prima*. Esta não é, como no caso da semântica composicional, composta por um objeto e propriedades/relações; ela é, antes, o puro *expressum* da sentença prima em seu todo; concretamente, ela é o *expressum* do verbo que ocorre na sentença prima. Nada impede que o filósofo, como teórico, continue a formular sentenças com a forma sintática “sujeito-predicado”. Mas, nesse caso, ele deve conceber essas sentenças como *abreviações* cômodas (e, em termos práticos, quase que inevitáveis) de uma grande quantidade de sentenças primas. [...] Este termo é concebido, então, como uma *configuração* (extremamente complexa) de sentenças primas²²⁸.

Em outras palavras, cada proposição prima é um *expressum* de um grande número de sentenças primas. Utilizando como exemplo, “Sócrates é um filósofo” utilizado comumente na linguagem natural, o nome “Sócrates” é reinterpretado como uma abreviação de várias outras sentenças primas com o formato: é o caso que grego, é caso que morto injustamente, é o caso que autor da maiêutica socrática e etc., de forma que toda a sentença é semanticamente, uma abreviação de um número altamente complexo de sentenças primas. Sendo este conjunto de sentenças primas *verdadeiro*, ele expressa sempre uma proposição prima *verdadeira*²²⁹.

²²⁷ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser** op. Cit., p. 120.

²²⁸ PUNTEL, Lorenz B. **Ser e Deus**, op. Cit., p. 161.

²²⁹ OLIVEIRA, Manfredo A. de., **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**, op. Cit., p. 234.

Tendo dito isto, é possível averiguar que a *verdade*²³⁰ na filosofia sistemático-estrutural não possui um caráter secundário. Toda esta relação entre semântica e ontologia que vai sendo delimitada aqui, apenas pode tomar o status de determinada, quando se assume uma teoria da verdade coerente e satisfatória. Segundo Manfredo, “a verdade se revela como a transposição ou a transição do *status* indeterminado ou subdeterminado para o *status* completamente determinado de uma sentença ou proposição”²³¹, sendo assim, este conceito da determinação linguística é de grande importância para Puntel.

Tal filósofo, porém, não desenvolve uma teoria da verdade que envolve apenas a relação sentença-proposição, mas vai além, mostrando uma determinação também em relação aos fatos primos. “Dito de modo mais preciso: a uma proposição prima semântica, quando ela possui um estatuto definitivo, [...] corresponde²³² e a um *fato primo*. Fatos primos são concebidos como estruturas primas ontológicas”²³³. Ou seja, é sempre o valor de verdade, que permite a passagem da sentença prima para a proposição prima, e da proposição prima para o fato primo. A sentença prima sendo ela *verdadeira* sempre expressa uma proposição prima. Da mesma forma, uma proposição prima verdadeira, é sempre *idêntica*²³⁴ a um fato primo no mundo. É desta forma que todas as estruturas fundamentais passam a estar rigorosamente interligadas.

Fatos primos simples e complexos e o conceito de configuração

Apenas a partir do que foi analisado, torna-se possível a formulação de uma nova ontologia que possa, enfim, superar às várias aporias tratadas ao longo da história da filosofia respectivas às demais tentativas ontológicas. A proposta punteliana é a do

²³⁰ Apesar de muito importante, não será possível aprofundar em detalhes esta problemática da verdade, pois extrapolaria em demasia a proposta do presente artigo. O importante aqui é o caráter de determinação da verdade. O leitor pode encontrar uma síntese satisfatória das demais problemáticas na obra *Ser e Deus*. Cf. PUNTEL, Lorenz B. *Ser e Deus*, op. Cit., p. 165-172.

²³¹ OLIVEIRA, Manfredo A. de. *A ontologia em debate no pensamento contemporâneo*, op. Cit., p. 244.

²³² Apesar de neste trecho ser utilizado o termo correspondência, Puntel defende uma *tese de identidade* entre proposição prima e fato primo. A forma como ocorre esta tese de identidade, porém, precisa ser muito bem delimitada. O autor estudado problematiza tal questão na obra *Ser e Deus*, no trecho sinalizado na nota 53.

²³³ PUNTEL, Lorenz B. *Ser e Deus*, op. Cit., p. 162.

²³⁴ Conferir nota 55.

fato primo como categoria única e fundamental. Todas as entidades encontradas no mundo (entendido objetivamente) são fatos primos simples, complexos, ou configurações de fatos primos, que podem ser diferenciados²³⁵ em espécies (estáticos-dinâmicos, processuais, eventivos; concretos – abstratos – ideais e etc.), constituição ou graus de complexidade (simples e complexos) e na sua diferencialidade ontológica (materiais, físicos, biológicos, matemáticos, morais, jurídicos, estéticos e etc.).

Torna-se essencial, como um primeiro passo de compreensão da tal proposta ontológica, a distinção dos fatos primos simples e complexos. Estes não são conceitos divergentes um ao outro, mas ao contrário, o fato primo complexo é entendido como uma *conjunção* de fatos primos simples. A partir daqui se articula o conceito de *configuração* que significa a conjunção de fatos primos simples ou complexos. É este conceito que substitui o conceito de substância, de tal modo que se deve dizer que *o que se encontra no mundo são configurações de diversos tipos*.

Antes de seguir adiante, faz-se necessário primeiramente a compreensão dos fatos primos simples.

A idéia básica pode ser formulada assim: com base no que foi exposto, um fato primo simples não deve ser pensado como uma entidade isolada ou *atômica* num sentido absolutamente literal e negativo, “sem janelas” e totalmente encapsulada; ele próprio é, antes, estruturado, e isto no sentido de que ele é *determinado* por uma rede de relações ou funções; dito de outro modo: ele é essa rede de relações ou funções. (Esse “é” deve ser entendido em conformidade com os esclarecimentos a serem dados a seguir.) Por causa dessa determinidade ou justamente “estruturalidade” do fato primo simples pode e deve ser dito que o próprio fato primo simples é uma estrutura (ontológica) prima. “Estrutura” deve ser entendido agora não como *estrutura abstrata*, mas como *estrutura concreta*: como um fato primo simples determinado por uma rede de relações ou funções²³⁶.

O fato primo simples é entendido então como o “caso mínimo da determinação de uma estrutura prima ontológica”²³⁷, que existe apenas inserida dentro de uma rede de relações. Torna-se difícil ou até impossível pensar em um fato primo simples isolado²³⁸, o que não quer dizer que ele seja abstrato. Por exemplo, quando se é teorizado em Sócrates o “é o caso que é ruivo”, é quase impossível pensar no “ruivo em si”; este é

²³⁵ Ibidem. p. 350.

²³⁶ PUNTEL, Lorenz B. *Estrutura e ser*, op. Cit., p. 277-278.

²³⁷ Ibidem. p. 282.

²³⁸ PUNTEL, Lorenz. *O conceito de categoria ontológica: um novo enfoque*, In: Revista Kriterion n. 104, p. 7-32.

sempre pensado em uma rede de relações, seja com um formato, ou no caso, na imagem do próprio Sócrates. A impossibilidade de pensar no ruivo, não faz dele algo abstrato, visto que é um fato dentro da configuração “Sócrates” que este é ruivo. É desta forma que se torna evidente que todas as entidades do mundo são *configurações* de fatos primos simples ou complexos.

Por sua vez, uma configuração é o fato primo supremo ou a estrutura ontológica prima suprema quando ela “configura”, ou seja, estrutura outras estruturas ontológicas primas simples ou complexas de forma completa e definitiva – por exemplo, as chamadas entidades concretas ou o indivíduo concreto, como é o caso de um animal, e sobretudo, do ser humano. É essa teoria das configurações que supera as aporias da ontologia da substância. A sequência de configurações pode atingir graus cada vez mais complexos e variados até a sua acomodação dentro da estrutura abrangente do universo, ou seja, o ser em seu todo como estrutura prima ontológica abrangente²³⁹.

Desta forma, é perceptível que todos os fatos do mundo estão absolutamente interconectados em configurações cada vez mais complexas até chegar a uma Teoria do Ser como dimensão primordial. O *mundo* pode ser percebido como a “totalidade dos fatos primos configurados em extrema variedade e complexidade”²⁴⁰, sabendo que existe uma grande variedade de fatos primos, divididos em espécies, graus de complexidade e diferencialidade ontológica²⁴¹ (o que já foi explicitado no início desta sessão).

Esta visão da totalidade não é tratada como uma dimensão nova na filosofia ou na ciência. O princípio da incerteza de Heisenberg já demonstrava que em um mundo subatômico é impossível saber a localização e o momento exato de uma partícula. Diante disto, um dos grandes nomes da física do século XX, Niels Bohr chegou a afirmar que “as partículas materiais isoladas são abstrações e suas propriedades são definíveis e observáveis somente através de sua interação com outros sistemas”²⁴².

Partindo deste pressuposto do universo quântico, o teórico Capra formula a sua visão sistema e holística da física, afirmando que não é possível estudar de forma certa uma partícula em si mesma, mas sim a interconexão na qual está inserida.

²³⁹ OLIVEIRA, Manfredo A.de, **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo**, op. Cit., p. 239-240.

²⁴⁰ Ibidem. p. 238.

²⁴¹ PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser**, op. Cit., p. 350.

²⁴² CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. – São Paulo: Cultrix, 2006. p. 75.

É assim que a física moderna revela a unicidade básica do universo. Mostra-nos que não podemos decompor o universo em unidades ínfimas com existência independente. Quando penetramos na matéria, a natureza não nos mostra quaisquer elementos básicos isolados, mas apresenta-se como uma teia complicada de relações entre as várias partes de um todo unificado. Heisenberg assim se expressou: “O mundo apresenta-se, pois, como um complicado tecido de eventos, no qual conexões de diferentes espécies se alternam, se sobrepõem ou se combinam, e desse modo determinam a contextura do todo”²⁴³.

Torna-se evidente assim, que uma visão sistemática da realidade pode ser compreendida pela própria física. O mundo está totalmente interligado em todas as suas relações, e homem-mundo não são realidades separadas e divergentes. É diante desta visão do todo, que Puntel afirma a impossibilidade de se teorizar a dimensão do ente, sem o Ser. Por isso, não é possível estudar o homem, sem estudar o seu grande conjunto e variedade de relações e interconexões que estão dispostas nele, como a sua relação com o mundo, com os outros, com a economia, a cultura, a política e afins.

É esta capacidade sistemática da totalidade que também faz a diferença entre a filosofia e as demais ciências. Enquanto as ciências particulares estudam fatos particulares e bastante delimitados, a filosofia enfatiza o estudo da totalidade e da universalidade.

Considerações Finais:

Diante de uma vastíssima problemática em torno da ontologia que seria impossível ser tratada neste artigo com maior profundidade, pôde-se ter a percepção de que, primeiramente, a teoria substancialista (em suas mais diferentes versões) possuiu problemas internos com a sua noção de *substratum*, apresentando uma dubiedade entre a substância e os seus acidentes, sendo a primeira, em última instância, vazia e ininteligível. Como alternativas, surgiram novas propostas que, segundo Puntel, apesar de terem influenciado o seu pensamento, não se mostraram totalmente satisfatórias por não pensar o problema linguagem/mundo expresso pela relação semântico-ontológica; ou seja, tais filósofos pensaram em uma nova ontologia sem preocupar-se com uma nova formulação semântica.

²⁴³ Ibidem. p. 75

Foi apresentada, então, a proposta de Lorenz B. Puntel de uma nova ontologia (dos fatos primos) embasada na formulação de uma nova semântica (com o princípio do contexto de Frege) superando, ao menos para uma linguagem filosófica, a relação sujeito/predicado da linguagem natural, com as *sentenças primas* expressas na fórmula “é o caso que φ ”.

Fica claro, porém, que toda a problemática exposta neste trabalho é apenas o início de um longo debate em torno de cada uma das espécies de fatos primos, de sua diferenciação ontológica e dos graus de complexidade. Por exemplo, como pensar, a partir desta ontologia, o ser humano? E a natureza e a sociedade na qual estamos inseridos? Tudo isto, precisa ser melhor compreendido em um passo posterior.

Além disto, fica absolutamente intuído no que foi exposto, uma dimensão primordial que possa abarcar a totalidade das configurações altamente complexas que o próprio Puntel a apontou como o *Ser como tal e em seu todo*. Tal teoria, evidentemente, foge em demasia do que poderia ser exposto neste artigo. O intuito aqui é o de interpelar o leitor a perceber que a formulação de uma nova ontologia possui diversas outras implicações de grande importância para o pensamento contemporâneo.

Bibliografias:

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Giovanni Reale. São Paulo: Edições Loyola. 712 p.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. – São Paulo: Cultrix, 2006. 432 p.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. 271 p.

HEGEL, G.W.F. **Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome**. Lisboa: Edições 70, 1988. 249 p.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006. 598 p.

IMAGUIRE, Guido. **A substância e suas categorias: feixes e tropos**. In: IMAGUIRE G./ALMEIDA C.L.S. de\OLIVEIRA M.A.de (orgs.), *Metafísica Contemporânea*. Editora Vozes, 2007. p. 272-289.

KANT, Immanuel. **Prolegómenos a toda a metafísica futura**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988. 192 p.

OLIVEIRA, M. A. de. **A ontologia em debate no pensamento contemporâneo.** – São Paulo: Paulus, 2014. 268 p.

OLIVEIRA, M. A. de. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea.** Edições Loyola, 1997. 432 p.

PUNTEL, Lorenz B. **A crítica da metafísica em Carnap e Heidegger:** análise, comparação e crítica. *In:* Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010. p. 229-258.

PUNTEL, Lorenz B. **A filosofia como discurso sistemático:** diálogos com Emmanuel Tourpe sobre os fundamentos de uma teoria dos entes, do Ser e do Absoluto. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015. 164 p.

PUNTEL, Lorenz B. **A totalidade do Ser, o Absoluto e o tema “Deus”:** um capítulo de uma nova metafísica. *In:* Metafísica Contemporânea. Editora Vozes, 2007. p. 191-222.

PUNTEL, Lorenz B. **É possível aclarar o conceito de dialética em Hegel?** *In:* Em busca do objeto e do estatuto teórico da filosofia: estudos críticos na perspectiva histórico-filosófica. Tradução de Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2010. p. 201-219.

PUNTEL, Lorenz B. **Estrutura e ser:** um quadro referencial teórico para uma filosofia sistemática; tradução: Nélio Schneider – São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2008. 682 p.

PUNTEL, Lorenz B. **O conceito de categoria ontológica:** um novo enfoque, *In:* Revista Kriterion n. 104, p. 7-32.

PUNTEL, Lorenz B. **Ser e Deus:** um enfoque sistemático em confronto com M. Heidegger, É. Lévinas e J. -L. Marion. Tradutor: Nélio Schneider – São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2011. 384 p.